



Mundialização, Resistência e Cultura



**DEBUT D'UNE
LUTTE,
PROLONGÉE**

Cartaz do Maio de 68, vermelho sobre fundo branco, 65x42cm, papel jornal, serigrafia.

E N S A I O

François Chesnais¹**Capitalismo mundializado:
o momento atual
da crise financeira²**

A economia dos EUA entrou em recessão. Resta saber com que profundidade e quanto o processo vai durar. A política monetária anticíclica, implementada vigorosamente pelo *Federal Reserv* (*Fed*, o banco central estadunidense), só conseguiu frear o movimento cumulativo à custa de efeitos potencialmente retroativos (*feedbacks*).

Os atuais motores da crise norte-americana continuam sendo o setor imobiliário – que foi a principal força de crescimento desde 2003 – e o alto endivida-

¹ Professor da Université Paris XIII e editor da revista *Carré Rouge*.

² Versão revista pelo autor do texto “O Momento da Crise” publicado na Revista Debate Socialista n. 3, abril de 2008. As notas de editor e tradutor [N.E. e N.T] constantes do texto correspondem à versão inicial do artigo, realizadas, respectivamente, pela revista *Debate Socialista* e por Juliana Caetano.

mento das famílias, que se torna insuportável à medida que o ritmo da economia se desacelera. Mas outros motores poderiam se somar aos anteriores: a paralisia profunda do sistema de crédito, da qual o episódio *Bear Stearns* [*grande banco de investimentos que quebrou em março, N.E.*] é uma boa amostra; a queda real das bolsas; e o impacto importante da queda do dólar, que faz cair a procura (compra) por títulos do Tesouro americano (*treasuries*) e das ações estadunidenses, num movimento de queda muito mais forte que a do último trimestre de 2007.

Dos EUA para o mundo

Mantém-se a propagação internacional da crise dos créditos hipotecários e do conjunto dos créditos *securitizados* [*dívidas transformadas em títulos negociáveis; N.T.*] através de mecanismos próprios ao sistema financeiro globalizado. A crise do capital fictício se estende agora a todas as formas de crédito. Tornaram-se suspeitos todos os “produtos sintéticos” [*investimentos em títulos, lastreados em outros títulos, que por sua vez se lastreiam em terceiros papéis, em operações cada vez mais complexas e de maior risco para os detentores, N.E.*]. Isso acontece à medida que o desmoronamento americano e mundial chega não só aos bancos e às sociedades que vivem do capital financeiro, mas também às empresas do setor manufaturado e de serviços.

Os governos britânico e estadunidense comprometeram-se com a nacionalização do *Northern Rock* e com o salvamento do *Bear Stearns*, mediante a compra de empréstimos “podres” [*ou seja, que não serão cobertos pelos devedores, N.E.*], de acordo com a política dita de “socialização de perdas”, cujo custo será cobrado dos que detêm os postos efetivos de emprego.

Futuro incerto

Nenhum banco estadunidense ou europeu tem idéia do tamanho de sua própria exposição ao risco (isto é, o perigo concreto que corre de quebrar), nem da de seus clientes milionários. Assim, o sistema bancário está cada dia mais empenhado em restringir o crédito às empresas e para as compras de longo prazo.

Entramos, portanto, na fase do *credit crunch* [*encolhimento do crédito*] propriamente dito. A oferta permanente de crédito comercial e os contínuos adiantamentos para investimentos foram, tradicionalmente, funções primordiais que os bancos deveriam desempenhar para o bom funcionamento da acumulação capitalista. Desregulados, esses fatores lesionam o alicerce do sistema financeiro.

Os mecanismos de propagação da crise começaram por atingir o Japão, que é a maior economia em termos de Produto Interno Bruto (PIB) e com peso financeiro, mas também a mais vulnerável às menores variações da demanda mundial de produtos manufaturados e de sistema financeiro mais frágil. Lentamente, a Coréia do Sul, a Índia e a China vão conhecendo os efeitos do desmoronamento estadunidense que os países da União Européia não conseguem compensar.

Uma das causas, mas evidentemente não a única, dessa contaminação da Ásia é a indesejada e sofrida valorização do euro e do iene frente ao dólar. A desvalorização do dólar é ainda mais grave para a Ásia. Todos os países onde o movimento do câmbio deixou de ser controlado [*que tem livre oscilação da moeda local em*

relação ao dólar, N.E.] sofrem uma valorização indesejada de suas moedas, com efeitos perversos sobre suas economias.

Ainda são desconhecidos outros elementos, tais como o momento do estouro da bolha imobiliária e a violência de seus efeitos sobre os outros países em que ela se formou, notadamente europeus, como Espanha, Reino Unido e Irlanda, e a Austrália.

Enfim, a esses mecanismos de propagação da crise, é preciso agregar um outro fator cujos efeitos começam a se fazer sentir fortemente a cada dia: a alta de preços, não só do petróleo e do gás (em que há muita especulação), mas também de matérias-primas industriais e, sobretudo, de produtos alimentícios básicos. Essa alta começa a afetar a demanda interna nos EUA e também na França. Ela reduz, além do mais, o poder de compra dos salários e aumenta a propensão a se poupar em muitos países, o que complica seriamente a condução da política monetária.

Reconfiguração

Finalmente, observamos a aceleração dos processos de reconfiguração e de reierarquização do capitalismo mundializado. Os EUA estão no olho do furacão, cuja força se acumula lentamente. Desde agosto, o dólar baixou de 7% a 8% em relação às principais divisas mundiais tomadas em seu conjunto. Não haveria nada de particular nisso ou que inquietasse os responsáveis pelas finanças estadunidenses e mundiais, se essa baixa não fizesse parte de um movimento de queda mais longo e duradouro.

Desde 2002, as taxas de câmbio do dólar já caíram, pouco a pouco, cerca de 20%. Em cinco anos, o dólar perdeu mais de 25% de seu valor. O movimento de desvalorização do dólar foi ainda mais forte se comparado ao euro. Este tem, progressivamente, ao longo dos anos, aproveitado-se do estatuto bastante ambíguo de divisas, garantindo uma boa estabilidade e rendimento às aplicações em euro, cuja atratividade cresce. Em certo momento, em 2002, o euro valia 86 centavos de dólar. No último 17 de março, a taxa de câmbio beirou U\$1,60 e estabilizou-se acima de U\$1,58. O mesmo movimento vale para o iene. Valeria para o iuane chinês se não fosse o controle de câmbio destinado a limitar a acentuação da inflação na China.

Esse movimento de baixa do dólar não é conjuntural. Ele vem de longe. Tem raízes estruturais, hoje agravadas pela forte crise de confiança dos não-americanos numa parte, ao menos, do sistema financeiro estadunidense.

Um Estado só pode impor sua moeda nacional como moeda internacional se ele for o país dominante no plano industrial e tecnológico. É uma das lições da história do capitalismo, é a longa agonia da libra esterlina entre 1920 e 1971. Muitos especialistas reconhecem o porte do déficit comercial dos EUA, que é mais do que uma mera consequência da escolha de uma política macroeconômica, ou seja, “de erros de pilotagem”.

Déficit ameaçador

O déficit comercial americano resulta de dois processos. Em primeiro lugar, a deliberada transferência de uma parte da indústria manufatureira dos EUA, por

parte dos grupos estadunidenses, para a China e outros países asiáticos. Em segundo lugar, resulta de uma concentração de despesas tecnológicas num mínimo número de setores. Os EUA vêm perdendo a superioridade para a Alemanha e o Japão. A dominação tecnológica dos EUA só subsiste ainda nas telecomunicações e em certos domínios da química e da biotecnologia.

A baixa do dólar vai atenuar de maneira muito limitada a perda de competitividade da maior parte das empresas dos EUA. Além disso, não há sinal de que os grandes grupos americanos vão desistir da estratégia de investir em tecnologia na Ásia. Desde o início desta década, a Microsoft cria seus novos centros tecnológicos na China. À medida que essa acumulação se consolida e passe a render na China, independentemente dos investimentos americanos, a posição do Estado norte-americano e de sua moeda estará em xeque no sistema monetário mundial.

De imediato, o problema colocado para os bancos centrais asiáticos, e também para os chamados “fundos soberanos” [*fundos de investimento compostos pelas reservas cambiais de Estados, ou seja, controlados por governos. N.E.*] dos países do Golfo e para todos os grandes investidores de fora dos EUA, é saber como proceder diante de uma moeda de reserva que perdeu mais de 25% de seu valor em cinco anos.

Em seu dossiê sobre a China, a *The Economist* (29/11/2007) diz, ironicamente, que estamos na presença da maior anulação de dívida jamais praticada na história do capitalismo desde a Revolução Industrial. Certos fundos de investimento, mas também o Banco da China, sofreram perdas importantes por terem comprado títulos “às cegas”. Diante da crise, eles adotaram a estratégia de socorrer grandes bancos americanos e também suíços (UBS e *Credit Suisse*). A novidade é que eles não o fizeram concedendo simples empréstimos, mas exigindo participar do capital dos bancos, numa posição permanente, mesmo que o controle continue com os sócios ocidentais.

A escalada desse processo inquieta Nova York e Washington, mas também Frankfurt. Isso levou a *The Economist* a publicar numerosos artigos e a dar, à sua edição de 19/01/2008, o título de “A invasão dos fundos de investimento soberanos”. Esse é só o primeiro episódio.

O salvamento do sistema capitalista como um todo supõe que os Estados Unidos reconheçam que o dólar não é mais rei, que eles não podem mais absorver os recursos do mundo à custa de déficits. Isso não pode acontecer sem crise, tanto econômica e financeira, quanto política, internacional e doméstica.

Fica no ar a questão de até que ponto o sistema monetário internacional e o sistema financeiro suportam a baixa do dólar. Haveria um limite que obrigaria os bancos centrais asiáticos a deixar de sustentar a moeda americana. Mas ninguém sabe que limite é esse.

Os bancos centrais da Ásia, como os dos Estados petrolíferos do Golfo, farão de tudo para sustentar o dólar por quanto tempo puderem. Não os entusiasma a idéia de provocar uma crise. Mas essa é uma situação na qual qualquer falência financeira de alguma importância pode levar os investidores a mudar a moeda de reserva. Essa hipótese faz parte do horizonte político tumultuado a que os assalariados de todos os países podem estar submetidos nos próximos anos, mais ainda se os

EUA continuarem fazendo da guerra seu escape, como o fazem no Afeganistão e no Iraque.

Recebido em 01 de junho de 2008.

Aprovado para publicação em 17 de junho de 2008.